

VOCATIVOS E CONTEXTO DISCURSIVO NA *REPÚBLICA DE PLATÃO*¹

José Marcos Macedo
(DLCV/FFLCH/USP) jmmacedo@usp.br

ABSTRACT

Platonic dialogues abound in vocatives, and some scholars have already tried to account for this peculiarity, yet the conditions governing their use remain nevertheless intriguing and elusive. The paper focuses on four of the several vocatives attested in the *Republic* of Plato: ἄριστε, βέλτιστε, φίλε and ἑταῖρε. Attention is paid to their syntactic and semantic features, although my main concern is the discourse context in which these vocatives are embedded. As I try to suggest, ἄριστε and βέλτιστε are best interpreted as a means to redress the face-threatening act that the speaker has committed or is about to commit. In their turn, φίλε and ἑταῖρε may be regarded, at least in part, as a discursive device which contributes to topic management, either introducing a new discourse topic, or keeping track of the topic at hand, or even highlighting the focus or new information provided in the sentence. The vocatives, in sum, are viewed in their individual, interpersonal and textual levels, being an optional but far from irrelevant marker in contextual terms.

What is the vocative case, William?
Shakespeare, *Merry Wives of Windsor* 4.1.50-1

1. INTRODUÇÃO

Numa passagem crucial do livro 5 da *República*, ao introduzir a ideia dos reis filósofos, Sócrates dirige-se a Gláucon com o vocativo ὦ φίλε Γλαύκων (473d5-6). Como todos sabem, essa não é a única forma pela qual

¹ O autor agradece ao parecerista anônimo as sugestões e observações. Esse artigo foi apresentado originalmente em 2010, no “V Colóquio Platônico: *Politeia V*”, realizado em Itatiaia e promovido pelo Programa de Estudos em Filosofia Antiga da UFRJ. Agradeço à Prof. Maria das Graças de Moraes Augusto o convite e aos participantes do colóquio as várias sugestões e o estímulo.

Gláucôn é interpelado por Sócrates; vários outros termos de estima ou admiração são usados, entre eles ἑταῖρε ‘camarada’ e ἄριστε ‘ótimo’, ou então φίλε ‘amigo’ sem o nome próprio, ou ainda o nome próprio por si só, despido de outra qualificação. Também acontece, e esses são os casos mais numerosos, de Sócrates dirigir a palavra a Gláucôn sem se valer de nenhum vocativo, bastando o contexto do diálogo para indicar que Gláucôn, e não outro, é o destinatário da fala. Qual a razão dessa variedade de usos? Ela é aleatória ou comporta algum significado? Será que existe uma regra subjacente ao uso ou não do vocativo? E, dentro das formas vocativas, é possível identificar por que certos termos, em determinados contextos, são usados em preferência a outros, ou será que todos são intercambiáveis? O que mudaria na passagem mencionada acima se, por exemplo, alterássemos ὦ φίλε Γλαύκων para ὦ ἄριστε? E se não houvesse vocativo nenhum?

Outro breve exemplo nesse sentido: em duas passagens paralelas do diálogo tenso entre Sócrates e Trasímaco no livro 1 da *República*, Trasímaco sugere a Sócrates que deixe de se fazer de desentendido – primeiro sem, depois com o uso do vocativo.

(1) ἠδὺς γὰρ εἶ, ἔφη.
‘Não sejas ingênuo!’ (337d6)²

(2) εἰκός γ’, ἔφη, ὦ ἠδιστε, ἐπειδὴ γε καὶ λέγω...
‘Quanta ingenuidade! Pois se digo que...’ (348c7)³

Será que os sentidos se equivalem, apesar da discrepância na forma? Qual o aporte trazido pelo vocativo, se é que há algum, para a compreensão da frase e de seu tom?

Há duas obras fundamentais sobre o vocativo em Platão, Halliwell (1995) e Dickey (1996). Halliwell circunscreve-se aos vocativos proferidos por Sócrates, Dickey trata do vocativo platônico no horizonte mais amplo das formas de tratamento no grego antigo. Uma distinção básica é entre a interpelação com o uso apenas do nome próprio e as demais formas de dirigir a palavra a um interlocutor, boa parte delas composta pelo que Dickey chama de “termo de amizade” (*friendship term*), como φίλε, ἑταῖρε, ἄριστε, βέλτιστε, ἀγαθέ, μακάριε, θαυμάσιε etc. É sobre elas que Halliwell se concentra, a fim de traçar um perfil basicamente semântico de suas várias ocorrências. Sua conclusão é que as expressões vocativas empregadas por Platão conferem um colorido

² Cf. Plat. *Górgias* 491e2 e *Eutidemo* 300a6.

³ A tradução desses dois exemplos é de minha autoria. No que segue, as traduções da *República* são as de Anna Lia Amaral de Almeida Prado (2006), com eventuais alterações. As demais traduções são minhas. Quanto ao texto grego de Platão, uso a edição da Oxford Classical Texts a cargo de John Burnet (*Platonis Opera*, Oxford University Press, 1903).

especial ao padrão linguajar de Sócrates, sendo um meio privilegiado de construir e dramatizar o personagem, e não um mero expediente para transmitir, pela escrita, o efeito natural da fala. Seriam, em suma, uma das formas de dar corpo aos hábitos verbais necessários para apresentar a figura dramática.

Embora analise separadamente os diversos vocativos socráticos, na tentativa de identificar a especificidade de cada um, Halliwell conclui que as diferenças entre os tipos individuais são sutis e as nuances estão estreitamente vinculadas às passagens específicas em que aparecem. Cada vocativo, portanto, comporta uma vasta gama de significados, cuja correta compreensão depende do contexto no qual se insere. O mesmo vocativo poderia expressar desde profunda seriedade a sarcasmo rasgado, desde elogio a censura, desde afeição sincera a firme objeção passando por condescendência bem-educada – tudo ao sabor do determinado tipo de ênfase requerido pela situação. De toda essa variedade, porém, Halliwell retira alguns preceitos básicos transmitidos e acentuados pelo uso dos vocativos por Sócrates, como a busca de um ideal dialético centrado na amizade filosófica e na cooperação entre as partes em diálogo, mas também um certo decoro linguístico que lhe é peculiar, sempre disposto a evitar o insulto direto e a grosseria, mesmo em situações de conflito argumentativo mais ríspido, ao contrário dos modos mais abertamente agressivos de alguns sofistas. Da leitura do artigo de Halliwell resta a impressão de que a diferença entre os vocativos existe, mas é toldada pela profusão de sentidos que cada um comporta, fazendo com que todos, de certo modo, se equivalham. Incapaz de identificar os fatores que determinam o uso desse ou daquele vocativo, o autor prefere extrair o espírito que estaria por trás do conjunto deles, sugerindo uma linha básica de interpretação: o ideal cooperativo da dialética baseada no diálogo amistoso de Sócrates, em quem se concentram a maioria das formas de tratamento.

Dickey também estuda em algum detalhe os diversos vocativos platônicos, mas é declaradamente cética quanto às distinções esboçadas por Halliwell, as quais considera, quando muito, tênues (Dickey 1996: 111 n.111), e as conclusões a que chega também são divergentes. Segundo ela, há pouca diferença entre um termo de amizade (*friendship term*) e outro, mas todos se acham subordinados a certas regras de uso mais fundamentais. Sua hipótese é que os termos de amizade são usados a qualquer momento por aquele que detém a posição dominante em certo diálogo, ou então por outra figura, no momento em que sente estar em vantagem no debate (Dickey 1996: 117 et passim). Para chegar a tal conclusão, Dickey constata primeiro que a maioria dos diversos vocativos é usada para dirigir-se a um espectro amplo de destinatários, sendo impossível estabelecer qualquer tipo de correlação (fora pouquíssimas exceções) entre a afeição que o falante tem pelo destinatário e os vocativos empregados. Em parte isso se deve ao descompasso que pode haver entre o sentido lexical e o sentido apelativo da palavra. Crito e Trasímaco, por

exemplo (Dickey 1996: 110) – embora o primeiro seja um amigo próximo de Sócrates, o segundo um interlocutor bastante hostil –, são interpelados com uma lista quase idêntica de vocativos: ἀγαθέ ‘bom’, ἄριστε ‘ótimo’, βέλτιστε ‘ótimo’, δαιμόνιε ‘maravilhoso’, ἑταῖρε ‘companheiro’, θαυμάσιε ‘fabuloso’, μακάριε ‘venturoso, feliz’, φίλε ‘caro, amigo’. Em segundo lugar, tampouco o contexto seria decisivo: o mesmo vocativo caberia nas mais diversas situações, sendo inútil tentar diferenciá-los. Como em geral os interlocutores de Sócrates usam raramente termos de amizade ao interpelá-lo, seria esse um indício de que os vocativos são um artifício platônico para dar vida a seu protagonista, como sugere Halliwell? Dickey discorda, pois a mesma riqueza de termos de amizade surge em diálogos nos quais Sócrates está ausente ou pouco aparece, e quem os profere são sobretudo as figuras dominantes na argumentação: o Atenense nas *Leis* e o Eleata no *Sofista* e no *Político*. Longe de ser lisonjeiros aos destinatários, tais vocativos dariam prova do predomínio ou da supremacia do falante.

A imagem do Sócrates sempre disposto a fomentar a cooperação e amizade entre os parceiros de debate, tal como sugerida por Halliwell, é veladamente posta em xeque por Dickey. Termos de amizade não seriam evidência da inabalável polidez de Sócrates, mas precisamente *porque* são polidos é que demonstram a superioridade daquele que tem o controle da situação discursiva, que não se abala com os argumentos contrários de seu oponente. Quer sejam usados em seu sentido lexical para transmitir afeto e admiração, quer assumam uma conotação de certa condescendência, os termos de amizade seriam a marca, em Platão bem como em outros autores clássicos, de quem se julga superior no embate verbal.

Diferenças à parte, tanto Halliwell quanto Dickey silenciam sobre os possíveis fatores condicionantes do emprego desse ou daquele vocativo – Halliwell porque se limita a descrever a grande variedade de contextos em que são utilizados, sem inferir uma função básica comum aos termos de amizade específicos, e Dickey porque nega expressamente que haja, na verdade, um fator que determine (ou ao menos favoreça) o uso de um vocativo específico em dada situação, exceto talvez pelo apelativo βέλτιστε (Dickey 1996: 139, 111), como veremos adiante. No que segue, busco sugerir, ao contrário do que resulta dos trabalhos desses dois autores, que é lícito supor ao menos um esboço das condições sob as quais certos vocativos, e não outros, aparecem no texto da *República*. Circunscrevo minha análise a dois termos de amizade, ἄριστε e φίλε, além de seus respectivos termos afins, βέλτιστε e ἑταῖρε. A escolha desses vocativos se deve tanto à frequência de sua aparição, estando entre os apelativos mais usados no *corpus* platônico, quanto ao fato de se prestarem a um exame contrastivo rudimentar. Antes, porém, menciono brevemente alguns aspectos do vocativo (semântico, sintático, discursivo) e as suas múltiplas funções.

2. ASPECTOS DO VOCATIVO

2.1 ASPECTO SEMÂNTICO

Como vimos, o significado de uma palavra quando usada em função apelativa nem sempre reproduz seu uso léxico ou referencial. Termos de parentesco, por exemplo, aparecem em muitas sociedades em dois conjuntos separados, um para uso em formas de tratamento na segunda pessoa, outros para uso em referência, na terceira pessoa (Levinson 1983: 70-1) – algo análogo ao que acontece com o português “tio” em frases como *Ele é meu tio* e *Tio, me ajuda!* Mas e quanto ao vocativo somente de nome próprio, que, segundo os cálculos de Dickey (1996: 136), compõe 74% de todas as ocorrências de vocativo no *corpus* platônico? Qual seria sua função? Rijksbaron, em sua recente edição comentada do *Íon* de Platão (2007), retoma a discussão dos vocativos platônicos e a desenvolve num breve apêndice. É difícil, reconhece, estabelecer uma função *básica* do vocativo. Um de seus usos, sem dúvida, é identificar os personagens no diálogo, sobretudo no início da obra, mas também em seu curso, para sinalizar a alternância entre interlocutores. Como se sabe, não havia nos textos originais a identificação dos nomes dos personagens em diálogo, nem em forma de catálogo das *dramatis personae* no início, nem no corpo do texto, para indicar mudança de interlocutor. Ao leitor antigo, e também medieval, cabia atentar no uso do vocativo a fim de estabelecer a identidade dos participantes, tanto nos diálogos ditos “dramáticos” como “mistos”, que mesclam fala direta e relatada, ou ainda nos diálogos puramente relatados, como é o caso da *República*. Mas essa, claro, não era a única forma de identificação: em geral, nos últimos dois tipos, os nomes estão presentes na narrativa (Rijksbaron 2007: 23). Embora as passagens nas quais um novo interlocutor ingressa no debate sejam acompanhadas de vocativos, é raro que estes sejam indispensáveis para a compreensão da mudança de interlocutores, pois a própria narrativa costuma indicá-la, em frases como “Gláucon falou” ou “Polemárcos disse em resposta”, ou mesmo por um simples “ele disse” ou “eu disse”, estejam os vocativos presentes ou não (Dickey 1996: 192). Muitas vezes, quando o contexto está claro, não há indicação alguma de que outro interlocutor tomou a palavra, o que, aliado ao fato de haver vocativos no meio das falas, é prova de que seu uso não se esgota na mera identificação dos participantes.

Identificação, aliás, que não se dá exclusivamente pelo uso do vocativo. Rijksbaron (2007: 98-100) chama a atenção para formas de tratamento na terceira pessoa, como na expressão τὸν Ἴωνα χαίρειν que abre o *Íon*, cuja tradução mais adequada, segundo ele, seria “Meus respeitos (ou minhas saudações) ao ilustre Íon”. A combinação de nome próprio articular no acusativo com um infinitivo seria uma alternativa formal e solene (e, no caso, ligeira-

mente irônica) ao uso neutro de cumprimentar as pessoas com o vocativo. Assim, Sócrates apresenta Íon (mais do que lhe dirige a palavra) como alguém que não pertence a seu círculo próximo de interlocutores, do contrário o interpelaria com o apelativo usual.

Se o vocativo não serve apenas para identificar os participantes do diálogo, que outra contribuição ele daria à frase, ou no que sua ausência lhe afetaria a interpretação? Rijksbaron (2007: 107) sugere que, em regra, o vocativo exerce uma função *dêitica*, que “aponta” para o interlocutor, chamando-lhe a atenção de forma enfática para a informação contida na sentença. Como uma forma de dêixis pessoal, o vocativo poderia ser parafraseado como: “Atenção, estou lhe dizendo!” ou, em interrogações, “Estou lhe perguntando!”. Trata-se de um apelo, usado em relação a algo que, ao ver do falante, possui especial importância para o destinatário – quando por exemplo dá voz a uma objeção ou a um elogio, quando consente a um pedido ou responde afirmativamente a uma pergunta etc. Nesse sentido, o vocativo de nome próprio serviria ainda para selecionar o destinatário como possível interlocutor a quem se passará, a seguir, a palavra. Mas aqui já saímos, em parte, do campo semântico e entramos na esfera discursiva, pois o efeito do vocativo como marca de seleção do interlocutor seria emprestar coesão ao texto, sinalizando o início e a continuação do discurso (Busse 2006: 241). Retornarei em breve ao vocativo (seção 2.3) como elemento coesivo ou marca referencial exofórica, que aponta para fora, não somente para o destinatário do apelo.

Contrapostos aos nomes próprios em função vocativa, mas a eles também relacionados, estão os termos de amizade, aos quais aqueles podem ser conjugados. Se o vocativo de nome próprio tem uma função dêitica, qual seria a função do vocativo de termo de amizade? Segundo Lloyd (2006: 229), sempre que Sócrates usa um termo de amizade, seu objetivo é desagrar de antemão um ato que ponha em risco a dignidade do destinatário – ou, nos termos da teoria da polidez tal como elaborada por Brown e Levinson (1987), um *face-threatening act*. Declarações diretas constituem muitas vezes uma ameaça a tal dignidade, e a polidez consistiria justamente em mitigar tais asserções, no objetivo de reduzir essa ameaça. As especificidades da polidez variam de cultura para cultura, mas a estrutura básica é universal: a dignidade positiva (*positive face*) é o desejo de ser aceito e aprovado, a dignidade negativa (*negative face*) é o desejo de não ser refutado ou importunado. A elas correspondem dois tipos de polidez, a positiva, que oferece desagravo à dignidade positiva (na forma de expressões de interesse, afeto, compaixão etc.), e a negativa, que busca propiciar uma saída ao destinatário, uma margem de escape para que evite ou ignore o ato de ameaça (na forma de desculpas, deferências etc.). Assim, muitos dos termos de amizade em Platão podem ser vistos, e creio que de fato o sejam, como forma de desagrar, de modo positivo ou negativo,

uma ameaça à dignidade do interlocutor, quer este guarde laços de amizade estreitos ou não com quem lhe dirige a palavra.

À luz da teoria dos atos de ameaça à dignidade, pode-se reformular em parte a ideia de Dickey, segundo a qual os termos de amizade são usados pela figura que se sente dominante no debate; na verdade, os termos de amizade aparecem na maioria absoluta das vezes nos lábios da figura dominante porque é ela que conduz o debate, muitas vezes refutando e objetando, e suas falas costumam representar, portanto, uma ameaça à dignidade do interlocutor. Parece-me claro que essa teoria pode render (e já rende)⁴ bons frutos na análise de textos clássicos, mas importa ainda verificar por que certos termos de amizade, e não outros, são utilizados em determinados contextos. Ou seja, embora seja razoável supor que todos eles representam, em maior ou menor medida, um desagravo à dignidade ameaçada, cumpre ainda investigar as condições sob as quais esse ou aquele vocativo de estima aparece no texto e no que eles diferem.

Seja como for, não é difícil ver que a presença ou ausência do vocativo, qualquer que seja sua natureza, é um elemento opcional dos diálogos platônicos (cf. Rijksbaron 2007: 259; Dickey 1996: 114): em passagens específicas, a posição de domínio pode ser marcada ou não por termos de amizade, o possível ato de ameaça à dignidade pode ser desagravado ou não por eles. Mas uma coisa é dizer que eles são opcionais, e outra que, em termos semânticos, podem ser retirados da oração que os contém sem nenhum prejuízo de sentido, como veremos adiante.

2.2 ASPECTOS SINTÁTICO E DISCURSIVO

Os vocativos costumam ser descritos como expressões nominais que se referem ao destinatário, mas não são sintaticamente nem semanticamente incorporadas como argumentos de um predicado, compondo um conjunto prosódico à parte, destacado do corpo da sentença (Levinson 1983: 71). A estrutura interna de uma expressão nominal no vocativo não difere, ao que parece, da estrutura de uma expressão nominal em outro caso. É perfeitamente possível, por exemplo, que lhe seja acoplado um genitivo (cf. Ashdowne 2002: 145-6):

(3) ὃ βέλτιστε ἀνδρῶν
'ó melhor dos homens' (Plat. *Górg.* 515a)

(4) ὃ ἄριστοι τῶν ξένων
'ó melhores dos estrangeiros' (Plat. *Leis* 817b)

⁴ Cf. Lloyd (2005). Para uma visão crítica do conceito de *face-threatening act*, cf. Watts (2003).

- (5) ὧ παῖδες ἐκείνου τοῦ ἀνδρός
'ó filhos daquele homem ilustre' (Plat. *Rep.* 368a1-2)

Concordância de caso dentro da expressão (por exemplo, com adjetivos qualificativos) também é comum:

- (6) ὧ ἄριστε τῶν παιδῶν ἐπιμελητά
'ó excelente supervisor das crianças' (Plat. *Leis* 809b7-c1)
- (7) ὧ φίλε παῖ Γλαύκωνος
'ó caro filho de Gláucôn' (Plat. *Cárm.* 158b)

Mas se a estrutura interna não causa sobressaltos, resta como questão controversa a sintaxe *externa* da expressão vocativa, ou seja, como ela interage com a sintaxe das orações com as quais ocorre. A princípio, é natural supor (como muitos fazem) que a expressão vocativa é independente de qualquer sentença que acompanhe, sendo inserida de forma parentética. Com isso o vocativo é excluído do domínio da sintaxe e da semântica. Kühner e Gerth (1898-1904: i 47) são taxativos ao afirmar que “o vocativo não tem relevância sintática, já que é inserido na fala ou a antecede sem nenhum vínculo orgânico”. Pela aparente liberdade de escolha que o rege, por sua liberdade de posicionamento e seu caráter opcional, o vocativo é considerado uma categoria gramatical periférica, semelhante a interjeições, ordens urgentes, gritos de dor etc. Tais características ficam claras quando o vocativo aparece à parte, isolado de outra sentença:

- (8) εἶεν, ὧ Θρασύμαχε.
'Pois bem, Trasímaco.' (Plat. *Rep.* 341a5)

Mas em outras situações, e essas são a maioria, o vocativo aparece no que Ashdowne (2002: 147), ao analisar o material latino, chama “semi-aposição”, ocorrendo junto com uma sentença que contém um elemento explícito de segunda pessoa. Tal elemento pode ser tanto um pronome quanto um verbo:

- (9) ἦ καὶ φρόνιμοί σοι, ὧ Θρασύμαχε, δοκοῦσιν εἶναι καὶ ἀγαθοὶ οἱ ἄδικοι;
'Na tua opinião, Trasímaco, são também sensatos e bons os homens injustos?' (Plat. *Rep.* 348d3-4)
- (10) πῶς τοῦτο λέγεις, ὧ Σώκρατες;
'O que estás dizendo, Sócrates?' (Plat. *Rep.* 347a7)

Nem sempre, porém, o elemento de segunda pessoa é imediatamente adjacente:

- (11) ἐγὼ σοι, ἔφη, νῆ τὸν Δία ἐρῶ, ᾧ Σώκρατες, οἷόν γέ μοι φαίνεται.
 ‘Por Zeus, Sócrates, disse, eu te direi como o vejo.’ (Plat. *Rep.* 329a1-2)

É possível também que a frase nominal vocativa apareça com uma sentença *sem* um elemento explícito de segunda pessoa, caso em que o vocativo não teria função semi-apositiva, mas, como diz Ashdowne (2002: 148-9), ‘direcional’. Indica-se que o conteúdo da sentença é importante para determinado destinatário:

- (12) οὐ χαλεπὸν τοῦτό γε εἰκάσαι, ᾧ ἑταῖρε...
 ‘Isso não é difícil de adivinhar, companheiro.’ (Plat. *Ion* 532c4)

Resta saber se as expressões vocativas “semi-apositivas” e “direcionais” devem ser analisadas da mesma maneira, ou ainda se ambas podem ser interpretadas como uma sentença meramente acompanhada de um grupo nominal vocativo do tipo “isolado” (8).

É verdade que a “semi-aposição” dos vocativos pode levar a discrepâncias de caso e número, coisa que não ocorre com a verdadeira aposição:

- (13) τίς, ἔφη, ὑμᾶς πάλαι φλυαρία ἔχει, ᾧ Σώκρατες;
 ‘Que conversa fiada é essa, Sócrates!’ (Plat. *Rep.* 336b8-c1)

Isso reforça o argumento de que o vocativo, mesmo quando em semi-aposição, encontra-se *fora* da sentença a que parece estar superficialmente vinculado. Sua abrangência seria extra-sentença, ou seja, exterior ao domínio da sintaxe da oração. Cabe notar, porém, que o elemento dominante na construção vocativa não é o caso, mas a pessoa. Os demais casos marcam relações sintáticas entre os elementos constitutivos da sentença, ao passo que o vocativo (que não seria a bem dizer um caso) marca o papel da pessoa como participante do discurso. Quer se trate de uma expressão vocativa semi-apositiva, isolada ou direcional, seu traço comum é expressar uma interpelação e sobretudo indicar o destinatário. Em orações imperativas nas quais não há outro sujeito gramatical presente, é interessante notar, o vocativo poderia, a princípio, ser considerado como o próprio sujeito gramatical da oração (cf. Busse 2006: 110), como nestes exemplos:

- (14) ἀλλ’ ἔνεκα ἀργυρίου, ᾧ Θρασύμαχε, λέγε.
 ‘Vamos, Trasímaco, se é por causa do dinheiro, fala!’ (Plat. *Rep.* 337d9-10)
 (15) ἡμῖν εἰπέ, ᾧ πρὸς Διὸς Μέλητε.
 ‘Dize-nos, por Zeus, Meleto!’ (Plat. *Apol.* 25c4)

Ainda que essa ainda seja uma questão em aberto, ela ilustra a tendência recente entre os estudiosos de assinalar o papel do vocativo como categoria

semântica e também gramatical. Alguns o descrevem como uma categoria próxima dos advérbios, outros preferem caracterizá-lo como um adjunto, cuja esfera de influência se estende por toda a oração (cf. Busse 2006: 26-9). Embora se trate de um elemento opcional, os vocativos têm menos em comum com comentários parentéticos, gritos de dor, ordens urgentes etc. do que se imagina. Esses têm a possibilidade de interromper o discurso livremente, sustando palavras e até sílabas, podendo ainda prescindir de todo nexos com a elocução que interrompe e aparecer um número ilimitado de vezes (Ashdowne 2002: 153-4). Ora, os vocativos não podem interromper livremente nem possuem total liberdade de colocação na frase. Há posições típicas para o vocativo – no início da sentença, no final ou em segunda posição. Como mostrou Eduard Fraenkel (1965: 30), os vocativos aparecem em geral entre duas orações, separando-as, e, no interior da oração, costumam se posicionar junto à palavra enfática. Um vocativo, ademais, só é aceitável em função da sentença que o acompanha, ou seja, deve fazer referência ao destinatário, guardando certo nexos estrutural e sistemático com o contexto discursivo em que a sentença está aninhada – coisa que não ocorre com as expressões parentéticas. Esse nexos é tanto mais evidente em declarativas com pronome pessoal explícito:

- (16) ὧν σὺ, ὦ Ἴων, εἶς εἶ.
 ‘... dos quais tu, Íon, és um.’ (Plat. *Íon* 536b4-5)

Aqui, o uso do vocativo é correferencial ao pronome, e sua função – supérflua em termos de referência, pois não há dúvida quanto a quem seja o destinatário – obedece a objetivos retóricos: identificar o destinatário de maneira enfática, num momento crucial do diálogo (cf. Rijksbaron 2007: 260).

Mas mesmo sem a correferencialidade pronominal o vocativo pode amplificar, enfatizar e até redirecionar a interpretação da frase, como no caso do seguinte vocativo “direcional”, já mencionado parcialmente no exemplo (3) acima:

- (17) εἰκός γ', ἔφη, ὦ ἥδιστε, ἐπειδὴ γε καὶ λέγω ἀδικίαν μὲν λυσιτελεῖν, δικαιοσύνην δ' οὐ.
 “Quanta ingenuidade! Pois se digo que a injustiça é proveitosa e a justiça, não.”
 (Plat. *Rep.* 348c7)

O vocativo, em segunda posição na sentença, reforçando o εἰκός γ' ‘sim, é provável...’ inicial, tem o condão de transformar uma oração declarativa – embora irônica – numa frase cuja força ilocucionária é de negação enfática: não, afirma Trasímaco, não chamo de modo algum a justiça de virtude nem a injustiça de vício (348c5-6), pois digo, como bem sabes, Sócrates (ὦ ἥδιστε), que a injustiça traz proveito, a justiça não. Aqui resta claro o papel do vocativo

como adjunto que exerce influência sobre toda a frase, em oposição ao simples caráter declarativo do exemplo (1), cujo conteúdo é próximo.

Além de identificar e amplificar o destinatário, além de articular o discurso dando início ao diálogo e indicando a alternância de interlocutores, o vocativo pode servir ainda como marca discursiva que sinaliza a mudança ou a estruturação de tópico (Busse 2006: 242). Tópico, aqui, é entendido nos horizontes da gramática funcionalista, como o tema que serve de forma básica para a organização da sentença como mensagem. Trata-se do ponto de partida que contém as informações sobre aquilo de que trata a sentença, sendo que a estrutura temática tende a refletir a estrutura da informação, repartindo o que é informação velha ou já conhecida (tópico) e o que é informação nova (foco). Nesse sentido, o vocativo seria um dos elementos linguísticos entre vários outros (como, por exemplo, as partículas, às quais pode associar-se) empregados como meio de administrar o tópico discursivo, indicando o término ou o início de um tema, ou ainda as suas articulações. Isso, como sugiro em seguida, é justamente o que ocorre com alguns usos do vocativo φίλε (e talvez também de ἑταῖρε) na *República*. Mas, antes, vejamos o caso de dois outros vocativos, ἄριστε e βέλτιστε, cuja função básica, parece-me, é reparar de antemão uma ameaça à dignidade do destinatário da sentença na qual se acham inseridos.

3. QUATRO VOCATIVOS DA *REPÚBLICA*

3.1 ἄριστε e βέλτιστε

ἄριστε – sem contar o plural ἄριστοι⁵ – aparece 52 vezes no *corpus* platoniano e 8 vezes na *República* (15%). Dickey (1996: 114) sustenta que não há diferença óbvia entre os contextos de φίλε, ἑταῖρε e ἄριστε usados por Sócrates, embora em Platão o sentido de ἄριστε pareça semelhante a βέλτιστε, só que menos forte (140); os dois últimos seriam empregados sobretudo em momentos de triunfo por Sócrates, “quando refuta seu adversário ou expressa prazer na refutação que vê aproximar-se” (111). Halliwell, após descrever alguns usos específicos do termo, afirma de modo abrangente que “seu efeito externo é sublinhar a combinação tipicamente socrática de seriedade e civilidade” (1995: 106).

Em suas três aparições no livro 5 da *República*, ἄριστε acompanha uma interrogação ou a ela se vincula.

⁵. Incluo na análise somente as formas no singular dos termos de amizade, pois essas servem de termo de comparação e contraste com os nomes próprios; no plural, formas de termos de amizade e nomes próprios unidos por conjunção não se equivalem. O mesmo critério é adotado por Dickey (1996).

- (18) ὦ ἄριστε, ἢ που βουλόμενός με παραθαρρύνειν λέγεις;
 ‘Excelente amigo, será que falas assim querendo encorajar-me?’ (*Rep.* 450d5-6)
- (19) δεῦρο δὴ πάλιν, ἦν δ’ ἐγώ, ὦ ἄριστε. ἐπιστήμην πότερον δύ ναμίν τινα φῆς εἶναι αὐτήν, ἢ εἰς τί γένος τιθεῖς;
 ‘Retornemos, meu excelente amigo, àquilo de que estávamos falando, disse eu. Afir-
 mas que a ciência em si é uma capacidade ou em que espécie a classificas?’ (*Rep.*
 477d7-8)
- (20) “τούτων γὰρ δὴ, ὦ ἄριστε, φήσομεν, τῶν πολλῶν καλῶν μῶν τι ἔστιν ὃ οὐκ αἰσχρὸν φανήσεται; καὶ τῶν δικαίων, ὃ οὐκ ἄδικον; καὶ τῶν ὁσίων, ὃ οὐκ ἄνόσιον;”
 ‘A ele diremos: “De todas essas numerosas coisas belas, ó excelente amigo, haverá uma que não venha a mostrar-se feia? E, entre as justas, uma que não venha a mostrar-se injusta? E, entre as santas, que não venha a mostrar-se ímpia?”’ (*Rep.* 479a5-8)

O vocativo, como ilustram os exemplos, podem aparecer em posição inicial, média ou final. Em (18), pode-se dizer que o raio de ação do vocativo extrapola a pergunta na qual se acha inserido, pois Sócrates, ao receber a esperada resposta afirmativa de Gláucon (ἔγωγ’ ‘claro!’), emenda a observação: “Estás fazendo justamente o contrário” (πᾶν τοίνυν τούναντίον ποιεῖς 450d8). Repare na partícula τοίνυν, que sugere uma crítica à resposta anterior ou mesmo que a declaração causará surpresa ao destinatário (cf. Denniston 1954: 572 e Wakker 2009). O uso de ἄριστε visa a reparar de antemão a réplica enfática, que põe em risco a dignidade de Gláucon – se este deseja encorajá-lo, está fazendo exatamente o contrário (πᾶν... τούναντίον).

Nos dois exemplos seguintes, ἄριστε também remete a uma pergunta: em (19), Sócrates pede licença para retomar um ponto anterior e avançar na discussão com base naquilo que acaba de propor (a definição de δύναμις ‘capacidade’); em (20), uma pergunta feita a um interlocutor imaginário, o vocativo inaugura com a devida vênua a série de perguntas que visa a demonstrar, ao contrário do que sustenta o interlocutor, que o belo e as demais qualidades são unos e sempre se mantêm iguais a si mesmos. Outra pergunta que contém o vocativo é esta:

- (21) δοκεῖ ἂν οὔν τίς σοι, ὦ ἄριστε, μουσικὸς ἀνὴρ ἀρμοστούμενος λύραν ἐθέλειν μουσικοῦ ἀνδρὸς ἐν τῇ ἐπιτάσει καὶ ἀνέσει τῶν χορδῶν πλεονεκτεῖν ἢ ἀξιοῦν πλέον ἔχειν;
 ‘Na tua opinião, portanto, excelentíssimo, alguém que é músico, ao afinar sua lira, quer ser superior a um músico na tensão e relaxamento das cordas e pretende estar em vantagem sobre ele?’ (*Rep.* 349e10-3)

Sócrates dirige esse vocativo a Trasímaco *em meio* (note-se) ao debate de quem pretende ser superior a quem, iniciado em 349b2-3 e que se estende até 350c11. No contexto, trata-se menos de uma tentativa de Sócrates chegar

a um acordo comum com seu interlocutor sobre a matéria em discussão do que basicamente refutá-lo. Trasímaco, aliás, incita explicitamente Sócrates a tanto no início da seção: ἄλλ' οὐ τὸν λόγον ἐλέγχεις; 'não vais refutar meu discurso?' (349a10). O uso de ἄριστε parece estar associado sobretudo a esse fato, servindo como forma de mitigar a ameaça à dignidade de Trasímaco por refutá-lo cabalmente ao término do argumento. ἄριστε, portanto, ao mesmo tempo prefigura a refutação e acena com o desagravo, embora não indique necessariamente um passo relevante na argumentação.

ἄριστε, porém, não acompanha só orações interrogativas, pedindo licença para formulá-las. Objeções e elogios também se associam ao vocativo.

(22) οὐδαμῶς, ὦ ἄριστε.

'De maneira alguma, excelentíssimo.' (*Rep.* 338d5)

(23) ἄλλ' εὖ γε σὺ ποιῶν, ὦ ἄριστε.

'Mas tu, excelentíssimo, estás sendo muito gentil.' (*Rep.* 351d8)

Em (22), Sócrates contesta Trasímaco e a acusação de que ele, Sócrates, deturpa-lhe as palavras. A moderação e civilidade da réplica, tal como expressa no vocativo ἄριστε, contrasta em cheio com a grosseira afirmação inicial de Trasímaco: βδελυρὸς γὰρ εἶ, ὦ Σώκρατες 'Sócrates, tu és repulsivo!' (338d2).⁶ Talvez caiba notar aqui que a ação do vocativo é tanto prospectiva, como em (21), quanto retrospectiva, como em (22) – um antecipa-se em mitigar uma possível ofensa, o outro tenta desagravar uma suscetibilidade já ofendida, mas ambos se justificam pelo reparo à dignidade alheia. Em (23), essa reparação justifica-se pelo contexto: Sócrates elogia Trasímaco porque, ao contrário do que este prometera momentos antes (350e3-4), não se restringe apenas a dizer “sim” e “não” com a cabeça, mas responde por extenso às perguntas. Trasímaco, todavia, continua relutante, e Sócrates o incentiva (talvez com uma pitada de ironia?) por duas vezes, a primeira sem o vocativo (εὖ γε σὺ ποιῶν 'tu estás sendo gentil!' 351c7), a segunda com ἄριστε (23), depois que Trasímaco reluta em assentir e só o faz porque não quer criar, diz, divergências com Sócrates. Ao utilizar o vocativo, Sócrates declara sua intenção de não ferir suscetibilidades já um tanto melindradas, incitando Trasímaco a seguir a mesma linha de conduta.

Nos dois exemplos restantes em que aparece na *República*, ἄριστε acompanha orações imperativas.

(24) μὴ τοῖνυν βία, εἶπον, ὦ ἄριστε, τοὺς παῖδας ἐν τοῖς μαθήμασιν ἀλλὰ παίζοντας τρέφε

'Pois bem! falei. Não uses da força, meu excelentíssimo amigo, com as crianças durante as lições, mas deixe-as brincar.' (*Rep.* 536e6-537a1)

⁶ No mesmo sentido, Halliwell (1995: 106).

- (25) μηδεὶς ἄρα, ἦν δ' ἐγώ, ὦ ἄριστε, λεγέτω ἡμῖν τῶν ποιητῶν, ὡς...
 'Ah! Que nenhum dos poetas nos diga, caríssimo, disse eu, que...' (Rep. 381d1-2)

O efeito remediador do vocativo é mais nítido com o imperativo de segunda pessoa (24). Nesse caso, a conclusão tirada por Sócrates é formulada como uma oração imperativa que, a princípio, poderia representar uma ameaça à dignidade de seu interlocutor. Daí o uso de ἄριστε, a fim de mitigar seu potencial ofensivo. No mesmo sentido, o Ateniense das *Leis* contesta Megilo com urbanidade, embora lhe dê uma ordem:

- (26) ὦ ἄριστε, μὴ λέγε ταῦτα
 'Ó excelentíssimo, não digas isso!' (*Leis* 638a3)

Em (25), a proibição refere-se a terceiros (os poetas), mas o verdadeiro destinatário é Adimanto, a quem se ordena não dar ouvidos a um deles pelos motivos discutidos previamente. Repare que a ordem pessoal é atenuada ainda pelo fato de o próprio Sócrates incluir-se entre aqueles (ἡμῖν) que a ela estão sujeitos.

Mas qual seria o elemento comum do vocativo ἄριστε nos diversos contextos em que é utilizado? Como sugerido, esse vocativo serve como forma de abrandar a possível ameaça à dignidade do destinatário que pode estar contida numa ordem, numa objeção, numa pergunta ou até mesmo num elogio. O conteúdo básico de ἄριστε, sugiro, seria algo próximo de: “permita-me dizer”. Em interrogativas, o sentido adquiriria a nuance: “ainda que mal lhe pergunte...”; já em negativas e declarações, talvez caiba parafraseá-lo com um: “esteja certo disso!”.

Parece-me que, em termos globais, βέλτιστε possui força análoga a ἄριστε, e ambos figuram juntos numa passagem das *Leis* (ὦ ἄριστε καὶ βέλτιστε 902a6). βέλτιστε, no entanto, possui maior força assertiva: além de constituir um desagravo à ameaça da dignidade alheia, o vocativo acompanha opiniões firmes, que cabem ser reiteradas peremptoriamente.

- (27) πῶς γὰρ ἄν, ἔφην ἐγώ, ὦ βέλτιστε, τίς ἀποκρίναιτο πρῶτον μὲν μὴ εἰδῶς μηδὲ φάσκων εἰδέναι, ἔπειτα, εἴ τι καὶ οἴεται, περὶ τούτων ἀπειρημένον αὐτῷ εἴη ὅπως μηδὲν ἐρεῖ ὧν ἡγεῖται ὑπ' ἀνδρὸς οὐ φαύλου;
 'Como, ó excelentíssimo, disse eu, esse alguém responderia, se, em primeiro lugar, é ignorante e afirma que não sabe e, além disso, mesmo que tivesse uma ideia a respeito, um homem, que não é um qualquer, proíbe-o de dizer o que pensa?' (Rep. 337e4-7)

Essa pergunta de Sócrates segue-se a um comentário depreciativo de Trasímaco, segundo o qual Sócrates se esquivava de dar respostas, deixando que outro o faça para, então, tomar a palavra e refutá-lo. O próprio Trasímaco já alertara antes para a ironia de Sócrates (337a4-7) e, mesmo que esse respondesse, acenara com a possibilidade de vetar as respostas que não lhe parecessem perti-

nentes (337c7-10). É nessa altura que Sócrates profere o βέλτιστε do exemplo (27): e como responderia, se é de fato ignorante e se suas respostas hipotéticas seriam vetadas por Trasímaco?

Melhor que Trasímaco falasse, e ele de fato o faz em seguida, dizendo que o justo não é senão o vantajoso para o mais forte. Sócrates diz não compreender e se sai com uma comparação solerte: então se para Polídamas, o lutador de pancrácio, comer carne lhe traz vantagens ao corpo, para nós, que somos mais fracos, o mesmo alimento seria vantajoso e justo? Trasímaco se enfurece, diz que Sócrates é repulsivo (ao que este retruca com o ἄριστε do exemplo (22)) e põe tudo em pratos limpos afirmando que o justo é o vantajoso para o *governo estabelecido*.

(28) τοῦτ' οὖν ἔστιν, ὃ βέλτιστε, ὃ λέγω ἐν ἀπάσαις ταῖς πόλεσιν ταυτὸν εἶναι δίκαιον, τὸ τῆς καθεστηκυίας ἀρχῆς συμφέρον.

‘Eis, portanto, excelentíssimo, o que eu digo ser justo sempre, em todas as cidades sem exceção: o vantajoso para o governo estabelecido.’ (Rep. 338e6-339a2)

É provável que Trasímaco use aqui o vocativo como eco ao βέλτιστε de Sócrates do exemplo (27), mas permanece o fato de que ambos são usados em contextos que permitem parafraseá-los com algo como: “permita-me declarar enfaticamente”. Um passagem do *Eutidemo* parece ir no mesmo sentido. Dionísodoro tergiversa e quer saber de Sócrates se Pátrocles é seu irmão. Sim, é meu irmão, responde Sócrates – irmão por parte de mãe, não por parte de pai (ὁμομήτριός γε, οὐ μέντοι ὁμοπάτριος). Então ele é e não é teu irmão, diz Dionísodoro, ao que Sócrates declara de modo enfático:

(29) οὐχ ὁμοπάτριός γε, ὃ βέλτιστε, ἔφην· ἐκείνου μὲν γὰρ Χαϊρέδημος ἦν πατήρ, ἐμὸς δὲ Σωφρονίσκος

‘Não por parte de pai, excelentíssimo. O dele era Queredemo, o meu Sofronisco.’ (Plat. *Eutid.* 292e7-8)

Repare que, tal como nos exemplos da *República*, a frase versa sobre questões já tratadas antes e sobre as quais o interlocutor sente-se apto a proferir uma conclusão terminante.

Essa declaração enfática pode transitar naturalmente para algo que causa surpresa, coisa que parece estar ausente no uso que Platão faz de ἄριστε.

(30) ὃ ἄριστοι ξένων, καὶ οὐδέν γε θαυμαστόν.

‘Isso em nada surpreende, excelentíssimos amigos.’ (Plat. *Leis* 634c5)

(31) ἀλλ', ὃ βέλτιστε, ἔφην ἐγώ, Κριτία, τοῦτον μὲν οὐδὲν θαυμαστόν ἀγνοεῖν τηλικούτον ὄντα· σὲ δὲ που εἰκὸς εἰδέναι καὶ ἡλικίας ἔνεκα καὶ ἐπιμελείας.

‘Ora, excelente Crítias, não surpreende que ele, em sua idade, não possa entender; mas tu, imagino, era de se esperar que soubesse, em razão de tua idade e de teus estudos.’ (Plat. *Cárm.* 162d7-e2)

Em (31), o raio de ação de βέλτιστε estende-se sobre o segundo membro da oração μέν... δέ: Sócrates pede licença para asseverar que, se o outro não sabia, Crítias, sim, deveria sabê-lo. Mais adiante, é o próprio Crítias que, indagado por Sócrates se não é de fato a pessoa moderada que faz o bem, e não o mal, responde surpresa:

- (32) σοὶ δέ, ὦ βέλτιστε, οὐχ οὕτω δοκεῖ;
 ‘E não te parece que seja assim, excelente amigo?’ (Plat. *Cárm.* 163e5)

A essa última oração, compare-se o exemplo (21), com ἄριστε: ambos se assemelham na dicção – δοκεῖ... σοὶ aparece lá e cá –, mas aqui está presente o fator surpresa, lá não. Tal surpresa pode ainda ser expressa num elogio:

- (33) εὖγε, ὦ βέλτιστε· διατέλει γὰρ ὡσπερ ἦρξω, καὶ ὅπως μὴ ἀπαισχυνῆ.
 ‘Bravo, excelente amigo! Continua assim como começou, e nada de timidez!’ (Plat. *Górg.* 494c4)

Ao contrário do exemplo (23), no qual Sócrates aplaude Trasímaco por responder com palavras, e não com sinais de cabeça, aqui ele louva Cálicles, não apenas por responder, mas por adiantar-se às próprias perguntas de Sócrates a respeito de qual vida é melhor, a regrada ou a licenciada. Em ambas repara-se de antemão uma possível ameaça à dignidade do interlocutor, porém aqui a asserção tem caráter mais acentuado, de surpresa com a reação alheia.

3.2 φίλε e ἑταῖρε

O aspecto discursivo dos vocativos ainda é pouco explorado. Além de Busse (2006: 232-43), que trata da questão em maior detalhe, Dickey apenas aflora o assunto, comentando que as formas de tratamento “são usadas para destacar pontos-chave no diálogo, como o clímax de um argumento ou um momento de intensidade emocional” (1996: 194). Halliwell (1995: 93) parece ser quem mais se aproxima da visão aqui sugerida, de que o vocativo φίλε (ou mais especificamente ὦ φίλε Γλαύκων) é usado como ênfase dramática em pontos-chave dos diálogos platônicos, como por exemplo na principais junções da *República*: a introdução dos reis-filósofos (5.473d5-6) – passagem citada no início do artigo –, a relação entre a caverna e as imagens anteriores do sol e da linha (7.517a8), uma advertência sobre a natureza da verdade última (7.533a1), uma defesa da luta suprema pela virtude (10.608b4) e uma afirmação do instante decisivo da escolha existencial da alma antes de encarnar (10.618b6-7). Mas ambos, Halliwell e Dickey, ignoram o caráter de φίλε como marca coesiva do discurso, ou seja, como forma de encadear temas ou subdividi-los.

φίλε ocorre em Platão 177 vezes, das quais 47 vezes na *República* (27%), além de 4 vezes no grupo nominal ὦ φίλε ἐταῖρε. Em várias de suas aparições, o vocativo serve como baliza demarcadora de tópicos, inaugurando ou dando fecho a temas – temas que, muitas vezes, dependem explicitamente do esforço comum dos interlocutores envolvidos.

- (34) νῦν δὴ, εἶπον ἐγώ, ὦ φίλε, κινδυνεύει ἡμῖν τῆς μουσικῆς τὸ περὶ λόγους τε καὶ μύθους παντελῶς διαπεπεράνθαι· ἅ τε γὰρ λεκτέον καὶ ὡς λεκτέον εἴρηται.
 ‘Agora, meu amigo, falei eu, pode bem ser que já tenhamos repassado completamente a parte da música que diz respeito aos discursos e aos mitos. Já está dito o que se deve dizer e como se deve dizer.’ (*Rep.* 398b6-8)

Com essa frase, Sócrates assinala o fim da unidade discursiva referente à música e sua relação com os λόγοι e os μύθοι. Repare que o vocativo, do tipo “direcional” (κινδυνεύει é um verbo impessoal), insere-se num grupo mais amplo, no qual se incluem destinatário e a pessoa que fala (ἡμῖν). O tema, portanto, que agora é concluído foi acordado entre ambas as partes, e, como diz Sócrates, tudo já está dito, com o que Adimanto concorda. Na frase seguinte, Sócrates transita a outro tema: o canto e as melodias (οὐκοῦν μετὰ τοῦτο τὸ περὶ ὠδῆς τρόπου καὶ μελῶν λοιπόν; ‘então, depois disso, resta-nos falar sobre o modo do canto e das melodias?’ 398c1-2). Mais um exemplo no mesmo sentido:

- (35) εἰ γὰρ, ὦ φίλε Ἀδείμαντε, τὰ τοιαῦτα ἡμῖν οἱ νέοι σπουδῆ ἀκούσιεν καὶ μὴ καταγελῶεν ὡς ἀναξίως λεγομένων, σχολῆ ἂν ἑαυτὸν γέ τις ἄνθρωπον ὄντα ἀνάξιον ἡγήσαιο τούτων καὶ ἐπιπλήξειεν, εἰ καὶ ἐπίοι αὐτῷ τι τοιοῦτον ἢ λέγειν ἢ ποιεῖν...
 ‘Se lamentos como esses, caro Adimanto, nossos jovens ouvissem com seriedade, e não rissem deles como de palavras ditas de maneira inadequada, dificilmente um deles se julgaria, homem que é, indigno deles e não se censuraria, caso lhe ocorresse dizer ou fazer algo semelhante.’ (*Rep.* 388d2-6)

O vocativo acompanha uma frase que encerra uma seção, cujo tema é: “por que não lamentar como os poetas?”. O efeito de tais lamentos, diz Sócrates, seria particularmente deletério sobre os jovens, que ao menor sofrimento entoadariam trenos. E, sublinhando o fundo compartilhado do debate, conclui que não é assim que deve ser, ‘como há pouco nos mostrou nosso raciocínio. É a ele que devemos seguir, até que outro melhor nos convença’ (ὡς ἄρτι ἡμῖν ὁ λόγος ἐσήμαινε: ὧ πειστέον, ἕως ἂν τις ἡμᾶς ἄλλω καλλίονι πείσῃ 388e2-3). Em seguida, Sócrates passa a outro tópico, referente ao riso: os jovens tampouco devem gostar de rir, de ser φιλογέλωται (388e5).

Certas vezes, o vocativo φίλε serve para amarrar a discussão, a fim de que ela siga seu bom curso. Trata-se de um aceno explícito ao interlocutor, referente ao discurso comum e a sua coesão.

- (36) τοῦτο τοίνυν, ἦν δ' ἐγώ, ὃ φίλε, κινδυνεύει τρόπον τινὰ γιγνόμενον ἢ δικαιοσύνη εἶναι, τὸ τὰ αὐτοῦ πράττειν.
 'Eis, meu amigo, o que, de certa maneira, pode ser o que é a justiça: cada um cumprir a tarefa que é sua.' (Rep. 433b3-4)

Pouco antes dessa frase sua, Sócrates se queixava a Gláucon que, há muito, estavam falando e ouvindo falar da justiça sem que atinassem com isso. “Se estás bem lembrado, estabelecemos e muitas vezes dissemos”, ele diz, “que cada um devia ocupar-se com uma das tarefas relativas à cidade, aquela para a qual sua natureza é mais bem dotada” (ἐθέμεθα δὲ δήπου καὶ πολλάκις ἐλέγομεν, εἰ μέμνησαι, ὅτι ἕνα ἕκαστον ἔν δέοι ἐπιτηδεύειν τῶν περὶ τὴν πόλιν, εἰς ὃ αὐτοῦ ἢ φύσις ἐπιτηδειοτάτη πεφυκυῖα εἶη 433a2-6). E acrescenta: “nós mesmos dissemos muitas vezes” (καὶ αὐτοὶ πολλάκις εἰρήκαμεν 433b1) que cumprir cada qual sua tarefa é justiça. A esse prelúdio de um raciocínio comum explícito segue a conclusão de nosso exemplo, que por sua vez facilita a transição para uma nova unidade discursiva. Passa-se, em seguida, ao *fundamento* dessa afirmação (οἴσθα ὅθεν τεκμαίρομαι; ‘sabe a razão que me faz pensar assim?’ 433b4-5).

No auge do mito de Er, quando da escolha decisiva da alma antes de corporificar-se, Sócrates interrompe a narrativa e interpela Gláucon com estas palavras:

- (37) ἔνθα δὴ, ὡς ἔοικεν, ὃ φίλε Γλαύκων, ὁ πᾶς κίνδυνος ἀνθρώπῳ, καὶ διὰ ταῦτα μάλιστα ἐπιμελητέον ὅπως ἕκαστος ἡμῶν...
 'Então, caro Gláucon, ao que parece, é aí que está o maior perigo para o homem, e é justamente por isso que cada um de nós...' (Rep. 618b6-c1)

Na sequência, Sócrates recapitula os grandes temas tratados no diálogo até então, apontando sua relevância tanto para Gláucon quanto para o mito ora narrado. O vocativo chama-lhe a atenção para a escolha certa, que deverá ser feita levando em conta “o que na vida significam para a virtude todas as afirmações que *acabamos de fazer*, juntando umas às outras ou distinguindo-as” (ἀναλογιζόμενον πάντα τὰ νυνδὴ ῥηθέντα καὶ συντιθέμενα ἀλλήλοις καὶ διαιρούμενα πρὸς ἀρετὴν βίου πῶς ἔχει 618c6-8). E mais adiante: “raciocinando *a partir de tudo disso*, será capaz de escolher” (ὥστε ἐξ ἀπάντων αὐτῶν δυνατὸν εἶναι συλλογισάμενον αἰρεῖσθαι 618d5-6) e a tudo o mais renunciará, pois *vimos* (ἐωράκαμεν γάρ 618e3) que a escolha pela vida justa é a mais eficiente. Ou seja, o vocativo não só empresta colorido dramático à cena, mas serve como uma baliza que retoma um tópico anterior de ajuste conjunto (no caso, boa parte da *República*) e o aplica à narrativa presente, que após essa breve digressão é retomada (619b2). Esse parêntese iniciado pelo vocativo φίλε ganha destaque tanto maior ao ser emoldurado por duas referências ao “homem”: ἔνθα δὴ... ὁ πᾶς κίνδυνος ἀνθρώπῳ ‘é aí que está o

maior perigo para o homem' (818b6) e, no final, οὕτω γὰρ εὐδαιμονέστατος γίγνεται ἄνθρωπος 'pois é assim que o homem virá a ser mais feliz' (619a7-b1).

φίλε serve ainda para administrar discursivamente o tópico em discussão e alinhavá-lo. Após discorrer sobre a democracia no livro 8, Sócrates volta-se para a tirania e o tirano. A transição de um tópico a outro é assinalada pelo vocativo φίλε ἑταῖρε, dirigido a Adimanto.

(38) φέρε δὴ, τίς τρόπος τυραννίδος, ὦ φίλε ἑταῖρε, γίγνεται; ὅτι μὲν γὰρ ἐκ δημοκρατίας μεταβάλλει σχεδὸν δῆλον.

'Pois muito bem. De que modo surge a tirania, meu caro amigo? Digo, fora o fato de ser um tanto evidente que ela deriva da democracia.' (Rep. 562a7-8)

Aqui, o vocativo abre uma nova seção ou unidade discursiva. Uma coisa os dois interlocutores já sabem, e isso não é novo – o fato de ela evoluir da democracia. O que talvez cause surpresa é outro elemento em sua origem: será que a tirania se forma a partir da democracia mais ou menos como a democracia se forma a partir da oligarquia? A ruína da oligarquia decorre, assim, da sede insaciável por riquezas, e a da democracia, da sede por liberdade. Esse seria o elemento propriamente novo na discussão, marcado talvez pelo vocativo ἑταῖρε, do qual trato brevemente mais adiante. É acerca da liberdade que, a seguir, os interlocutores alternam suas falas, até que Sócrates dá um passo adiante no debate, perguntando primeiro se, “numa cidade desse tipo, não será forçoso que a exigência da liberdade abranja tudo?” (ἄρ' οὐκ ἀνάγκη ἐν τοιαύτῃ πόλει ἐπὶ πᾶν τὸ τῆς ἐλευθερίας ἰέναι; 362d9-e1), para em seguida rematar:

(39) καὶ καταδύεσθαί γε, ὦ φίλε, εἷς τε τὰς ἰδίας οἰκίας καὶ τελευτᾶν μέχρι τῶν θηρίων τὴν ἀναρχίαν ἐμφυομένην.

'E que ela, meu amigo, penetre no interior das casas, e finalmente chegue até os bichos, fazendo nascer a anarquia?' (Rep. 562e3-5)

Abre-se, assim, um sub-tópico na discussão sobre a liberdade: sua força anárquica, que penetra as casas de forma avassaladora. Logo adiante, mais um sub-tópico é inaugurado, versando agora sobre escravos e mestres:

(40) τὸ δέ γε, ἦν δ' ἐγώ, ἔσχατον, ὦ φίλε, τῆς ἐλευθερίας τοῦ πλήθους, ὅσον γίγνεται ἐν τῇ τοιαύτῃ πόλει, ὅταν δὴ οἱ ἐωνημένοι καὶ αἱ ἐωνημέναι μὴδὲν ἦττον ἐλεύθεροι ὡς τῶν πριαμένων.

'Mas, disse eu, o mais alto grau de liberdade, meu amigo, atingido numa cidade sob um governo tal, ocorre quando os homens e mulheres que foram comprados em nada são menos livres que aqueles que os compraram.' (Rep. 563b4-7)

Esse seria o ápice da liberdade que consome a si própria, ignorando tanto leis quanto senhores. Em conclusão, Sócrates une as duas pontas desse trecho de clara unidade temática retomando no fim o que dissera no início:

- (41) αὕτη μὲν τοίνυν, ἦν δ' ἐγώ, ὧ φίλε, ἡ ἀρχὴ οὕτως καλὴ καὶ νεανικὴ, ὅθεν τυραννὶς φύεται, ὡς ἐμοὶ δοκεῖ.
 'Pois bem! disse eu. Eis, meu amigo, bela e vigorosa, a raiz de onde, parece-me, nasceu a tirania.' (*Rep.* 563e3-4)

Nessas passagens, portanto, a sequência dos vocativos φίλε a breves intervalos reflete e cria a articulação do discurso, emprestando-lhe coesão. Em todos os exemplos vistos até aqui, nosso vocativo serve de meio para manter o destinatário a par do tema que se desenrola, contribuindo para que ele não perca de vista a informação transmitida. Mas há exemplos, também, nos quais o vocativo acompanha uma hesitação da parte de Sócrates em lançar no debate um novo tema. Na seguinte passagem, mencionada no início do artigo, Sócrates fala dos reis-filósofos, pedindo antes a atenção de Gláucôn para o que dirá, juntando coragem, “ainda que uma onda de riso o faça submergir sob o ridículo e o desprezo” (εἰ καὶ μέλλει γέλῳ τί τε ἀτεχνῶς ὥσπερ κύμα ἐκγελῶν καὶ ἀδοξία κατακλύσειν 473c7-8).

- (42) ἐὰν μὴ, ἦν δ' ἐγώ, ἢ οἱ φιλόσοφοι βασιλεύσωσιν ἐν ταῖς πόλεσιν ἢ οἱ βασιλεῖς τε νῦν λεγόμενοι καὶ δυνάσται φιλοσοφήσωσι γνησίως τε καὶ ἱκανῶς, καὶ τοῦτο εἰς ταῦτόν συμπέσῃ, δυνάμεις τε πολιτικὴ καὶ φιλοσοφία, τῶν δὲ νῦν πορευομένων χωρὶς ἐφ' ἑκάτερον αἱ πολλαὶ φύσεις ἐξ ἀνάγκης ἀποκλεισθῶσιν, οὐκ ἔστι κακῶν παῦλα, ὧ φίλε Γλαύκων, ταῖς πόλεσι, δοκῶ δ' οὐδὲ τῷ ἀνθρωπίνῳ γένει [...]. ἀλλὰ τοῦτο ἔστιν ὃ ἐμοὶ πάλα ὄκνον ἐντίθησι λέγειν, ὁρῶντι ὡς πολὺ παρὰ δόξαν ῥηθήσεται.
 'Se os filósofos não forem reis nas cidades ou se os que hoje são chamados rei e soberanos não forem filósofos genuínos e capazes e se, numa mesma pessoa, não coincidirem poder político e filosofia e não for barrada agora, sob coerção, a caminhada das diversas naturezas que, em separado, buscam uma dessas duas metas, não é possível, caro Gláucôn, que haja para as cidades uma trégua de males e, penso, nem para o gênero humano. [...] Eis o que, já há muito, pôs dentro de mim uma hesitação quanto a falar, porque via como muito contrário à opinião corrente o que seria dito.'
 (*Rep.* 473c11-e4)

A sintaxe da frase,⁷ com sua extensa oração condicional, confere relevo tanto maior ao vocativo no início da apódose, retardando a apresentação do novo tema proposto e contribuindo para o tom geral de indecisão. Tudo isso realça o tópico que se inaugura. Outro exemplo:

⁷ Cf. Halliwell (1993: 199-200).

(43) ὄκνος γάρ, ἔφην, ὦ φίλε, ἐγώ, εἰπεῖν τὰ νῦν ἀποτετολημένα· νῦν δὲ τοῦτο μὲν τετοληθήσθω εἰπεῖν, ὅτι τοὺς ἀκριβεστάτους φύλακας φιλοσόφους δεῖ καθιστάναι.

‘Eu hesitava, meu caro, em dizer o que agora ousei dizer... disse. Mas, agora, persistindo na audácia, afirmo que os filósofos devem ser postos como os guardiões mais rigorosos.’ (*Rep.* 503b3-5)

Aqui também se trata de sinalizar o advento de um novo tópico, de forma igualmente tateante, mas – como ocorre muitas vezes nos atos discursivos acompanhados do vocativo φίλε – com a indicação explícita do raciocínio compartilhado que originou o surgimento desse tema. Antes de ousar dizer o que diz no exemplo, Sócrates recapitula em que ponto estavam no debate, de modo a situar seu interlocutor no quadro geral do argumento: “Dizíamos, se estás lembrado... Era mais ou menos o que estava sendo dito no momento em que houve uma mudança de rumo e as afirmações se fizeram veladas em razão do medo de suscitar a presente discussão” (ἐλέγομεν δ’, εἰ μνημονεύεις... τοιαῦτ’ ἄττα ἦν τὰ λεγόμενα παρεξίοντος καὶ παρακαλυπτομένου τοῦ λόγου, πεφοβημένου κινεῖν τὸ νῦν παρόν 502e2-503a-1; 503a7-b1).

Algo semelhante ocorre com o tema da educação no início do livro 5. Sócrates vacila em falar a respeito, “pois esse tema desperta muita incredulidade, muito mais ainda que aqueles de que já tratamos” (πολλὰς γὰρ ἀπιστίας ἔχει ἔτι μᾶλλον τῶν ἔμπροσθεν ὧν διήλθομεν 450c6-7). Não se acredita, em suma, que se possa por em prática essa educação. E Sócrates conclui, abrindo com o vocativo um novo tópico:

(44) διὸ δὴ καὶ ὄκνος τις αὐτῶν ἄπτεσθαι, μὴ εὐχὴ δοκῆ εἶναι ὁ λόγος, ὦ φίλε ἑταῖρε. ‘Daí também uma certa hesitação em tocar nesses assuntos... Será que não acharão, caro companheiro, que minhas palavras não passam de uma veleidade?’ (*Rep.* 450d1-2)

Parece-me que, nesse grupo nominal vocativo que encerra a frase, φίλε sinaliza o tema recém-inaugurado (a educação), ao passo que ἑταῖρε focaliza um aspecto da questão – no caso, que o programa educacional de Sócrates seja visto como uma simples quimera. Esse foco é de pronto rejeitado por Gláucon (“Nada de hesitação! Aos teus ouvintes não falta nem discernimento, nem confiança, nem boa disposição...” 450d3-4), e em seguida o tema poderá ser tratado em detalhe, após breve intervalo marcado por outro vocativo, ὄριστε do exemplo (18).

A certa altura do livro 6, Sócrates tenta recuperar um tema do livro 4 que, a seu ver, fora tratado de forma insuficiente. Ao ser objetado por Adimanto que isso não seria necessário, pois as afirmações de então estavam na medida, Sócrates contesta:

(45) ἀλλ', ὦ φίλε, μέτρον τῶν τοιούτων ἀπολείπον καὶ ὀτιοῦν τοῦ ὄντος οὐ πάνυ μετρίως γίγνεται· ἀτελεὲς γὰρ οὐδὲν οὐδενὸς μέτρον.

‘Ora, meu amigo, uma medida de tais coisas, se não tem alcance para aquilo que é, qualquer que isso seja, não vem a ser conforme a medida, porque nada que seja incompleto vem a ser a medida de algo.’ (*Rep.* 504c1-3)

Na opinião de Sócrates, para contemplar da melhor maneira possível as virtudes não bastava, como haviam feito antes, ligar provas derivadas umas às outras, mas sim dar uma volta bem mais longa, a fim de que ao término elas se tornassem evidentes. Seu esforço, ao retomar o tema abandonado, é corrigi-lo e complementá-lo. Aqui, sem dúvida, há certo elemento de desagravo no vocativo, remediando a possível suscetibilidade ferida, mas o acento recai sobre o tema e seu conteúdo – ao contrário, por exemplo, da frase que contém o ἄριστε do exemplo (19). Nela, não é propriamente o tema que se recobra, mas o fio do discurso, suspenso por uma breve digressão. Quem fala simplesmente pede licença para retomar o argumento, sem acenar com o início ou o término de um tópico nem com sua articulação, enquanto aqui o próprio tema é resgatado para nele fazer incidir nova luz. Daí, a meu ver, o uso do φίλε.

Mas se o tema já é conhecido de passagens anteriores, o foco agora é sobre o caminho que se deve percorrer – um caminho *mais longo*, do contrário o guardião não será capaz de levar a termo o aprendizado mais fundamental.

(46) τὴν μακροτέραν τοίνυν, ὦ ἑταῖρε, περιτέον τῷ τοιούτῳ...

‘Pois bem! Mais longa, meu amigo, deve ser a volta percorrida por tal pessoa...’ (*Rep.* 504c9-d3)

A própria posição do vocativo na frase sublinha o foco que a natureza do caminho representa para o debate em curso. Vemos aqui uma progressão, que me parece justificada em termos de tema e foco, dos vocativos φίλε a ἑταῖρε. Mas há outras progressões que talvez mereçam ser estudadas, e que assinalo aqui apenas como possível objeto de estudo ulterior, como por exemplo de φίλε a θαυμάσιε (435b9-c4), de φίλε a δαιμόνιε (573b9-c7) e de ἑταῖρε a μακάριοι (506d6-8). Seja como for, ἑταῖρε parece-me indicar, em alguns de seus usos, um reforço ao foco do discurso (ou da oração), em contraposição a seu tema. Numa passagem do livro 1, Sócrates discute com Polemarco sobre o maltrato infligido a bichos e homens e o que isso acarreta para a virtude. Trata-se, de início, do maltrato a cavalos e a cães (βλαπτόμενοι δ' ἵπποι 335b6, κύνες βλαπτόμενοι 335b10), mas ao dar um passo adiante no argumento e focalizar os homens, Sócrates os antecipa para a primeira posição na frase e os separa do particípio pelo uso do vocativo.

(47) ἀνθρώπους δέ, ὦ ἑταῖρε, μὴ οὕτω φῶμεν, βλαπτομένους εἰς τὴν ἀνθρωπεῖαν ἀρετὴν χεῖρους γίγνεσθαι;

‘E quanto aos homens, companheiro? Não diremos que, quando são maltratados, tornam-se piores em relação à virtude dos homens?’ (*Rep.* 335c1-2)

Um uso análogo – e aqui chego a meu último exemplo – verifica-se em outra passagem do livro 6, tingida de certo pessimismo. Sócrates fala sobre o caráter e a influência que sobre ele exerce a educação sofista, comentando a Adimanto o grande obstáculo que ela representa.

(48) οὔτε γὰρ γίγνεται οὔτε γέγονεν οὐδὲ οὖν μὴ γένηται ἄλλοιον ἦθος πρὸς ἀρετὴν παρὰ τὴν τούτων παιδείαν πεπαιδευμένον, ἀνθρώπειον, ὃ ἑταῖρε—θεῖον μέντοι κατὰ τὴν παροιμίαν ἐξαιρώμεν λόγου.

‘É que não é possível, nunca foi, nem jamais será, um caráter formado à margem da educação propiciada por essas pessoas tornar-se diverso no tocante à virtude – digo um caráter humano, meu amigo, pois quanto ao caráter divino, abramos uma exceção, como diz o provérbio.’ (*Rep.* 492e3-6)

Em relação à virtude, e sob o peso da educação convencional, não é dado ao caráter de alguém modificar-se – ao caráter *humano*, Sócrates se apressa em precisar, sublinhando o adjetivo (que ocupa o foco de destaque da oração) por meio da forma de tratamento adjacente (ἀνθρώπειον, ὃ ἑταῖρε); quanto ao caráter divino, isso são outros quinhentos.

CONCLUSÃO

Não há, claro, uma resposta única para a pergunta em epígrafe. O caso “focativo” se caracteriza pela multifuncionalidade, sendo usado, entre outras coisas, para chamar a atenção do destinatário, para identificá-lo, passar-lhe a palavra, refletir a emoção de quem fala, sublinhar a mensagem transmitida e até dividir o texto, administrando o fluxo de informação. Representa, em suma, três níveis diversos: o da experiência individual, o interpessoal e o textual. Embora não seja necessário gramaticalmente, o vocativo justifica-se em termos semânticos e contextuais quando aparece (Busse 2006: 108, 241). Se por um lado são opcionais, os vocativos podem, por outro, ser usados de modo pleonástico, associados a outros elementos linguísticos que tenham a mesma função. Um modelo completo de análise do vocativo envolve não apenas seu exame no interior da oração (sua posição, a co-ocorrência do pronome etc.), mas também acima dela (quem o profere? taxonomias etc.) e abaixo (semântica do vocativo, vocativo como grupo nominal etc., cf. Busse 2006: 39).

Quanto aos quatro vocativos aqui brevemente analisados, podemos concluir, ao menos nos horizontes do material fornecido pela *República*, que:

1) ἄριστε e βέλτιστε constituem sobretudo meios para desagrar a ameaça à dignidade do destinatário (*face-threatening act*). Superlativos que são, e de sentido positivo, prestam-se a tanto de forma natural. Apesar de serem utilizados em vários contextos, o denominador comum que os une, a meu ver,

é a licença que se pede ao destinatário para proferir uma sentença: ἄριστε seria o elemento não-marcado, βέλτιστε o elemento marcado ou enfático;

2) φίλε e ἑταῖρε, por sua vez, não atuam somente no nível interacional, mas também no presentacional, ou seja, das relações organizacionais e retóricas do texto, nos termos de Caroline Kroon (1995): a meu ver, ambos (ao menos em alguns de seus usos), inserem a unidade em que aparecem numa perspectiva mais ampla, seja ela o texto ou o contexto comunicativo. φίλε, em especial, é um dos meios (conjugado ou não a outros, como por exemplo as partículas) de que se vale o interlocutor para manter o destinatário a par da informação veiculada, sinalizando o fecho de um tema, seu início ou sub-divisão interna. Tais temas, e isso é uma característica socrática, costumam ser construídos a partir do esforço comum dos envolvidos no diálogo, ou pelo menos com o consentimento, embora relutante, do destinatário. Nesse sentido, é adequada a semântica desses dois termos de amizade, que remetem a laços recíprocos, ainda que eles possam, é claro, ser usados em contextos mais ou menos irônicos.

O presente trabalho não pretende ser mais do que um incentivo para a pesquisa futura. São necessários estudos muito mais aprofundados sobre a questão, que analisem em detalhe um *corpus* bem mais extenso, por exemplo os diálogos platônicos em seu todo. Ficam aqui simples sugestões, a serem confirmadas ou descartadas num exame mais detido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA PRADO, A. L. A. (trad.) (2006), *Platão – A República [ou Sobre a justiça, diálogo político]*. São Paulo.
- ASHDOWNE, R. (2002), “The vocative’s calling? The syntax of address in Latin”, in I. J. Hartmann e A. Willi (eds.). *Oxford University Working Papers in Linguistics, Philology & Phonetics* 7. Oxford, 143-62.
- BROWN, P. e LEVINSON, S. C. (1987), *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Londres.
- BUSSE, B. (2006), *Vocative constructions in the language of Shakespeare*. Amsterdã.
- DICKEY, E. (1996), *Greek forms of address. From Herodotus to Lucian*. Oxford.
- DENNISTON, J. D. (1954²), *The Greek Particles*. Oxford.
- FRAENKEL, E. (1965), “Noch einmal Kolon und Satz”, *Bayerische Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-Historische Klasse: Sitzungsberichte* 2. Munique.
- GILDERSLEEVE, B. L. (1900-11), *Syntax of classical Greek*. Nova York.
- HALLIWELL, S. (1993), *Plato – Republic* 5. Warminster.
- _____. (1995), “Forms of address: Socratic vocatives in Plato”, in F. de Martino e A. H. Sommerstein (eds.). *Lo spettacolo delle voci*. Bari, 87-121.
- KROON, C. H. M. (1995), *Discourse particles in Latin: a study of nam, enim, autem, vero and at*. Amsterdã.
- KÜHNER, R. e GERTH, B. (1898-1904), *Ausführliche Grammatik der griechischen Sprache*. Zweiter Teil: Satzlehre. Erster Band. Hanover.

- LEVINSON, S. C. (1993), *Pragmatics*. Cambridge.
- LLOYD, M. A. (2006), "Sophocles in the light of face-threat politeness theory", in de Jong, I. J. F. & A. Rijksbaron (eds.). *Sophocles and the Greek language. Aspects of diction, syntax and pragmatics*. Leiden, 225-41.
- RIJKSBARON, A. (2007), *Plato – Ion, Or: On the Iliad*. Edited with Introduction and Commentary. Leiden, Boston.
- WAKKER, G. (2009), "'Well I will now present my arguments'. Discourse cohesion marked by OYN and TOINYN in Lysias", in S. Bakker e G. Wakker (eds.). *Discourse cohesion in Ancient Greek*. Amsterdā, 63-81.
- WATTS, R. (2003), *Politeness*. Cambridge.

